

PRIMEIROS TEMPOS DO CINEMA EM SANTA BÁRBARA D'OESTE

Pesquisa realizada pela equipe do CEDOC em junho de 2020.

1. O impressionante cinematógrafo

No dia 14 de agosto de 1900, por volta do meio dia, ouviu-se nas ruas centrais de Santa Bárbara “um grande estampido¹”, causando um alvoroço de pessoas que acorreram ao local de onde parecia ter se dado a explosão: a residência, e também fábrica de fogos de artifício, de Antonio Felipe de Castro.

As pessoas que se aglomeraram em frente ao local, encontraram o Sr. Castro com algumas escoriações leves, devido a explosão induzida pelo manuseio de clorato de potássio, que havia destruído sua mesa de trabalho na fábrica e cerca de 80 estalos que estavam sendo embalados na ocasião. Felizmente nesse dia, Antonio Castro levou apenas um grande susto, sem maiores consequências, contudo, tivesse sido mais grave o evento, a cidade perderia seu renomado pirotécnico² e, curiosamente, adiaría sua primeira experiência com a 7ª arte.

No início de junho de 1901, quase um ano após o incidente na fábrica de fogos, o Sr. Antonio Felipe de Castro estava novamente nas páginas do jornal local, porém agora, sendo elogiado pelo “grande sucesso³” na estreia do “*Cineographe Lumière*”, nas dependências do *theatro* da cidade.

Mostrando-se um incansável entusiasta do entretenimento, Antonio Castro de alguma sorte arranjou uma máquina que fazia um enorme sucesso em todas as praças: o cinematógrafo. O curioso aparelho, uma adaptação que os franceses irmãos Lumière fizeram de um outro dispositivo, permitia a projeção rápida e sucessiva de diversas imagens, dando a impressão de movimento das mesmas. O dispositivo, que é considerado a origem do cinema, foi divulgado pelos Lumière no final do século XIX e daí se espalhou para o restante do globo.

Os barbarenses, que ficaram a par da novidade por intermédio do Sr. Castro, também se impressionaram com a novidade francesa: no dia 9 de junho, mais de uma semana depois da bem sucedida estreia, uma nota no periódico local informava que aconteceria o último espetáculo do *Cineographe Lumière*, que, em funcionamento regular, vinha deixando “bem impressionado o público” que, por meio dele, ficava o espectador “conhecedor de diversos paizes do mundo sem precisar viajar”.

Portanto, de 1º até 9 de junho do ano de 1901, o público barbarensense pode ter contato, no prédio do teatro local, com o equipamento francês que daria os alicerces do cinema, e se firmaria no cenário mundial décadas mais tarde.

Contudo, a primeira experiência foi tão espetacular quanto breve, pois a cidade só se encontraria novamente com as telonas em finais da primeira década do século XX, quando se estabelecería então o primeiro cinema.

¹ Sobre o evento, publicado na imprensa local, ver o jornal O Barbarensense, 19/08/1900.

² A fábrica de Antonio Castro era considerada “especial”, para a referência, cf. o Jornal de Piracicaba, 04/07/1903 e também o Jornal Diário de Santa Bárbara de 12/12/2004, que traz uma reprodução da mencionada matéria do JP.

³ Cf. os seguintes jornais: O Barbarensense, 09/06/1901. Jornal Cidade de Santa Bárbara, coluna **Ephemérides**, 19/05/1929 e a coluna “**Papéis Velhos**”, na edição de 26/05/1929. Há, contudo, uma divergência nesses periódicos sobre a data da “estréia” do cinematógrafo pelas mãos de Antonio Felipe de Castro. Concluímos conveniente valermos-nos da data verificada no jornal da época, ou seja, o de 1901. Elencamos as demais referências pois cumpre o papel de reafirmar que de fato houve a experiência da cidade naquela época com o aparelho e, desse modo, fica em segundo plano a mera divergência de dias entre as datas reivindicadas para o evento.

2. 1916 – “todos ao Recreio!”

Em meados do ano de 1916⁴, começa a aparecer nas páginas dos jornais locais, anúncios e informações sobre o “cinema Recreio”, um “bem montado cinematographo⁵”, onde se exibiam grandes espetáculos⁶, importantes “*films*⁷” e diversificados “programmas cinematographicos⁸”. Sob a direção da empresa dos irmãos Lazaro e Alfredo Michel, a concorrida e “symphatica casa de diversões⁹”, que funcionava no “theatro local¹⁰”, situado na Praça Rio Branco¹¹, o cinema Recreio ofereceu diversos programas e filmes de destacados estúdios mundiais, como a Fox, que produziam na época em que o cinema ainda estava em sua fase muda, preliminar. Pode-se acompanhar, em detalhes, os filmes que eram exibidos e as repercussões dessas programações pelas páginas dos jornais de Santa Bárbara, e particularmente que foi essa programação bem intensa, e extensa, ao longo do ano de 1916, até que, em anúncio publicado no jornal O Barbarense¹² em 19 de novembro do mesmo ano, os “incansáveis irmãos Michel” punham a venda o Recreio. O motivo? Os então proprietários do cinema moravam fora do município, na capital do Estado de São Paulo. O anuncio dava detalhes da estrutura do cinema Recreio de 1916: aparelho¹³ *Pathé* em “perfeito estado e optima instalação elétrica”. Lembrava ainda, que a casa de entretenimento era um bom lugar para investir, pois o cinema era “bastante frequentado e com despesas diminutas”.

Não demorou muito para que o cinema Recreio abrisse suas portas sob nova direção. A edição nº 11 do jornal A Verdade, em 17 de dezembro, trazia entre suas notícias uma nota escrita dois dias antes, portanto no dia 15, abaixo assinada pelos dois novos proprietários do “apreciado e popular cinema¹⁴”, os senhores João Baptista Monteiro e Sebastião Paes da Silva¹⁵. Segundo a nota, publicada na coluna “Secção Livre”, Monteiro e Paes da Silva adquiriram “por compra” o cinema dos irmãos Michel, prometendo manter o nível oferecido pelos donos anteriores e mais alguns melhoramentos.

Na véspera de natal daquele dezembro¹⁶, o cinema Recreio sob nova direção já estava novamente entre as noticias sobre a cidade. Dividindo a página com notícias sobre exames escolares, regras para o alistamento eleitoral, aviso para um concerto da “banda União Barbarense” e sobre o “photographo” que se hospedava então em Santa Bárbara, o jornal noticiava que a “popular casa de diversões, propriedade da empresa Monteiro & Paes”, havia oferecido ao seu público no dia 17 último, um bom espetáculo, exibindo, entre outros *films*, “A gata negra”. E, para o espetáculo do dia 24, apresentavam um “magnifico programma” em que, se destacavam os “bellos films ‘Vampiro’, em 5 longas partes, ‘Misterioso crime da rua

⁴ Cf. o jornal O Barbarense, 23/07/1916.

⁵ Ibidem.

⁶ Ver o jornal O Barbarense, 10/09/1916.

⁷ Idem, ibidem.

⁸ Idem, 08/10/1916.

⁹ Idem, 15/10/1916 e 22/10/1916.

¹⁰ Idem, 19/11/1916.

¹¹ Sobre a informação sobre a localização do prédio do teatro nessa época, cf. o Jornal A Verdade, 14/01/1917 e 11/03/1917.

¹² Idem, ibidem.

¹³ O projetor que se usava à época.

¹⁴ Jornal A Verdade, 17/12/1916.

¹⁵ Sebastião Paes da Silva foi vereador da Câmara Municipal de Santa Bárbara nas legislaturas de 1917 até 1925. Cf. o sitio <http://www.camarasantabarbara.sp.gov.br/Pagina/Listar/365> - visitado em 20/05/2020.

¹⁶ Jornal A Verdade, 17/12/1916.

Nizza', drama em 6 actos". A nota terminava com o bordão que se tornaria popular, o chamamento aos que frequentavam o cinema: "Todos ao Recreio!".

Na véspera do ano novo de 1916, aparece nas páginas do jornal O Barbarense uma pequena nota, intitulada "Premio¹⁷", que anunciava o ganhador, no caso, um certo Juvelino de Oliveira, de um despertador, ofertado em sorteio realizado pelo cinema Recreio. Talvez o sorteio de brindes estivesse na agenda dos novos proprietários que haviam prometido ampliar a gama de diversões e atrações para o publico frequentador do Recreio.

3. 1917 - Cinema Recreio sob a direção da "empresa Sebastião & Monteiro"

Com a mudança de proprietários, que já quando assumiram a direção do cinema prometeram novidades, além de mais programações e diversificação de *films* projetados¹⁸, promover alguns melhoramentos na casa, ficamos inteirados, pela matéria "Cinema Recreio", publicada no jornal A Verdade de 14 de janeiro de 1917, que a "empresa Monteiro & Paes" adquiriu, para maior comodidade de seus *habitués*, "novo e excelente mobiliario para guarnecer o salão do nosso theatro¹⁹", e também nos é dado a saber qual era o modelo do aparelho utilizado pelo cinema em suas projeções: se tratava do "aperfeiçoado aparelho Pathé Frères²⁰".

Contudo, esse equipamento era manual, movido por uma manivela lateral que era rodada para que o filme passasse pela luz, projetando as imagens na tela. No Recreio, quem era o responsável por essa crucial função nos espetáculos cinematográficos daquele cinema? A resposta aparece numa notícia sobre o cinema na edição 23 do jornal A Verdade, publicado no dia 11 de março de 1917: na "popular e apreciada casa de diversões da da Empresa Monteiro & Paes [...] da qual é hábil operador o sr. Antonio Elias Barbosa [...]"²¹.

Apesar de ter se "submettido a um concurso dos correios" na cidade de Campinas²², e de ter sido aprovado no certame, o operador de projeções teria ainda muito trabalho no cinema Recreio, uma vez que, em nota de 4 de maio de 1917, abaixo assinada pelos proprietários do cinema, que foi publicada no jornal A Verdade do dia 6 de maio, os responsáveis avisam que, atendendo a insistentes pedidos dos frequentadores, as sessões daquele cinema passariam a acontecer também aos sábados²³. Além da novidade na periodicidade do funcionamento daquela casa, os proprietários aproveitaram o ensejo da nota para escusar-se junto ao publico que, no dia 29 de abril, abarrotara o Recreio, fazendo com que não "houvesse uma unica localidade vazia no theatro local", para assistirem ao "excellent film 'Tomada de Gorizia'" que, a se acreditar nas desculpas dos donos, não lhes chegou em mãos por razões totalmente imprevistas. Porém, para coroar o pedido de desculpas ao público, a empresa Sebastião & Monteiro prometeu para as próximas sessões, "programmas de altas novidades cinematographicas", que, segundo eles, incluía "os grandiosos films 'O Dioguinho', 'Vida, paixão e morte de N. Senhor Jesus Christo', 'Tomada de Roma' etc".

Já no dia 13 de maio, procurando dar conta de oferecer os espetáculos que havia prometido ao publico barbarense, o Recreio publicou grande anuncio na 4ª página do jornal A

¹⁷ Cf. o jornal O Barbarense, 31/12/1916.

¹⁸ Veja nos seguintes jornais os programas oferecidos e compare com os oferecidos na época dos irmãos Michel: jornal O Barbarense, 31/12/1916. Jornal A Verdade, 07/01/1917 e 14/01/1917, por exemplo.

¹⁹ Jornal A Verdade, 14/01/1917.

²⁰ Idem, ibidem. Para se ter uma ideia do tipo de aparelho que estamos falando, ver por exemplo este vídeo no sítio YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=yB8_gRV0w4M – visitado em 20/05/2020.

²¹ Sobre Antonio Elias Barbosa, cf. as seguintes edições do jornal A Verdade, 11/03/1917, 25/03/1917 e 03/05/1917.

²² Cf. o jornal A Verdade, 03/05/1917.

²³ Idem, 06/05/1917.

Verdade²⁴, escrito em letras garrafais que, no próximo domingo, dia 20 de maio, seria exibido o “extraordinario film, ansiosamente esperado nesta cidade”: DIOGUINHO. A despeito do nome, a pequena sinopse que acompanha o anúncio dá conta do que se tratava a obra: “Film que reproduz todas as façanhas do temível fascinora dos sertões brasileiros, cuja fama tornou-se proverbial.²⁵” Intrigante, mas quem era esse personagem? Aconteceu nos idos de 1894 até 1897, uma série de assassinatos, cerca de 50, segundo as notícias da época, atribuídos a Diogo da Rocha Figueira, o famigerado Dioguinho, apavorou os paulistas e repercutiu nacionalmente, que, de acordo com matéria do jornal Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, na edição de 30 de março de 1897²⁶, era “brasileiro, alto, claro, magro, pouca barba e bigode pequeno”, que “conversava com desembaraço”, armado, acompanhado de “dous capangas” e que “costuma estacionar nas immediações de Santa Rita do Passa Quatro, Batataes, Ribeirão Preto [...]”²⁷. É de se imaginar o interesse que o assunto ainda causava no interior paulista, visto que Dioguinho²⁸ tinha sido um fora-da-lei daquelas paragens, e, de seus crimes até sua entrada para a cultura, na forma de livros e filmes, não se passara tanto tempo, apenas cerca de 20 anos. Na nota veiculada no jornal no dia da exibição do filme, assinalou-se que “attendendo ao elevado preço do film O Dioguinho, a ser exibido, a Empreza resolveu não conceder meias entradas para o espectáculo de hoje²⁹”, o que nos dá uma ideia do interesse em torno daquela história.

Seguido com seus espetáculos cinematográficos, o Recreio, chega ao mês de agosto com uma novidade: Sebastião Paes da Silva comprara de seu sócio, João Baptista Monteiro, sua parte na propriedade do cinema, tornando-se o único dono da casa³⁰. Monteiro vendera sua cota no negócio pois estava de malas prontas para se mudar para a cidade de Campos, no Estado do Rio de Janeiro. No entanto, mudaria muito pouca coisa: a empresa seria então apenas “Sebastião Paes” e o operador, o mesmo Antonio Elias Barbosa³¹.

Cerca de seis meses após tocar sozinho o cinema Recreio, garantindo a manutenção das religiosas sessões domingueiras de espetáculos, Sebastião Paes da Silva abriu mão, pelo menos diretamente, da casa de diversões: em nota publicada no jornal A Verdade do dia 10 de fevereiro de 1918³², os frequentadores do Recreio são informados que, a partir dali, o cinema seria capitaneado pelos senhores Antonio Ribeiro Guimarães e Manuel da Costa Junior, a dupla de arrendatários do negócio. De saída, prometeram aumentar “a lotação do teatro, de proporções bastante acanhadas para o fim a que se destina³³”. Também, doravante, o nome da empresa que encimaria os anúncios de espetáculos seria o da Empresa Guimarães & Cia. Iniciava-se a terceira e derradeira fase do popular cinema Recreio.

3. 1918 – Um Cine-Theatro para “grandes funcções”

Logo após arrendarem o Recreio de Sebastião Paes, os novos proprietários já anunciaram para o dia 17 de fevereiro de 1918 a exibição de um “estupendo programma”, e

²⁴ Idem, 13/05/1917.

²⁵ Idem, ibdem.

²⁶ Cf. http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=16187 – visitado em 21/05/2020.

²⁷ Idem.

²⁸ Mais sobre o Dioguinho, cf. o artigo de Schneider, Marília. **Além da justiça: O homicida Dioguinho e seus cúmplices**. Disponível em:

https://bdjur.stj.jus.br/jspui/bitstream/2011/66123/alem_justica_schneider.pdf - visitado em 21/05/2020.

²⁹ Jornal A Verdade, 20/05/1917.

³⁰ Idem, 12/08/1917.

³¹ Idem, 08/10/1917.

³² Idem, 10/02/1918.

³³ Idem, ibdem.

para dentro em breve, prometia o “magnifico film nacional O Curandeiro”, protagonizado pelo “actor comico” Sebastião Arruda. Seria projetado também, nessa data vindoura, o “film sensacional” Amor de Perdição, baseado no romance do escritor lisboeta Camilo Castelo Branco.

Após essa noite de programa cinematográfico, o Recreio entrou num recesso em função das obras pelas quais passaria para ampliar sua capacidade de lotação e só voltaria às páginas dos jornais justamente para anunciar o fim das reformas e o espetáculo que inauguraria as instalações ampliadas da casa. A nota veiculada na edição de 3 de março de 1918 participava o público que a “popular casa de diversões³⁴” havia passado por “grandes reformas que a tornaram mais confortável, tendo sido sua lotação consideravelmente aumentada³⁵”. Também, a reforma contemplou realizar divisões na referida casa, estabelecendo “logares reservados e com melhores commodidades para as exmas. famílias³⁶”. A nota terminava anunciando que, para inaugurar todas essas novidades e melhorias no Recreio, teria lugar no mesmo dia 3 de março, uma “soberba funcção” na qual seria exibido mais um “film” nacional: A quadrilha do Esqueleto”.

Uma semana depois do anuncio da conclusão das reformas realizadas, os proprietários do Recreio estamparam na primeira página do jornal A Verdade³⁷ a propaganda da “funcção smart” a ter lugar naquela noite, de exibição do “soberbo film” A quadrilha do Esqueleto”, e, pela primeira vez, a casa aparece com um nome diferente, perduraria dali em diante: Cine-Theatro Recreio.

Finalmente, no dia 24 de março de 1918, o jornal A Verdade traz uma nota³⁸ do Cine-Theatro Recreio por meio da qual se informava ao público que teria lugar, naquela noite, a exibição do aguardado “film” Amor de Perdição, conforme vinha sendo anunciado desde a mudança gerência da casa. A nota aproveitava o ensejo do anúncio da estreia do “estupendo film” para assinalar que os frequentadores poderiam então desfrutar das novas acomodações do cinema, que, afirmava, havia tornado a casa mais confortável. Também, apostando em outra “enchente a cunha”, lembrava que não haveriam meias entradas nesse espetáculo, pois, sendo este o “maior trabalho em fita nacional” e do “elevado preço da fita”, não comportava o menor valor.

Ao longo do primeiro ano da administração da empresa Guimarães & Cia no agora Cine-Theatro Recreio, observamos uma intensa publicidade e divulgação³⁹ do cinema e seus atrativos. Além da reforma, entendemos que havia um esforço por parte da nova direção em oferecer bons filmes e grandes atrações, e, a se acreditar nas notícias dos jornais, nesses meses de 1918 os sócios foram recompensados com certa regularidade de público⁴⁰, que frequentava as sessões e prestigiava a casa de diversões da Praça Rio Branco⁴¹.

Ainda, no febril ano de 1918, os proprietários do cinema ainda encontraram oportunidades de contribuir com a sociedade barbareense, e, de quebra, fazer o cartaz do Recreio. No dia 16 de março, foi oferecido, em favor das obras da torre da Igreja Matriz Santa Bárbara, um espetáculo com farto programa, no cinema⁴². Meses depois, precisamente em 12

³⁴ Jornal A Verdade, 03/03/1918.

³⁵ Idem, ibidem.

³⁶ Idem

³⁷ Idem, 10/03/1918.

³⁸ Idem, 24/03/1918.

³⁹ Cf. Jornal A Verdade, 10/03/1918; 17/03/1918; 24/03/1918; 07/04/1918; 14/04/1918; 21/04/1918; 05/05/1918; 12/05/1918; 19/05/1918; 26/05/1918; 02/06/1918; 09/06/1918; 16/06/1918; 23/06/1918; 07/07/1918; 21/07/1918; 28/07/1918; 04/08/1918; 18/08/1918; 25/08/1918; 07/09/1918.

⁴⁰ Jorna A Verdade, 17/07/1918 e 01/09/1918, por exemplo.

⁴¹ Para “theatro da Praça Rio Branco”, ver o jornal A Verdade, 12/05/1918, p.2.

⁴² Ver o Jornal A Verdade de 24/03/1918.

de junho, os ingressos pagos daquele espetáculo seriam revertidos em prol da Cruz Vermelha de Santa Bárbara⁴³.

A semana de festas juninas de 1918 também teria a participação, ainda que indireta, do Recreio nos festejos: no jornal A Verdade de 23 de junho, anuncia-se que havia espetáculos no cinema nos dias 24, dia de São João, naquele ano, uma segunda-feira, e no sábado, dia de São Pedro, 29. Talvez os donos quisessem aproveitar alguma quermesse ou festejo realizado na praça da Matriz para angariar mais alguns *habitués* para as poltronas reformadas do Recreio.

No entanto, o ano de 1918 seria o último com regularidade e grande oferta de atrações no conhecido cinema. Viriam os últimos anos dessa fase do cinema na cidade.

4. 1919 a agosto de 1920 – altos e baixos no epílogo do Recreio

O segundo ano do cinema Recreio com direção da empresa Guimarães & Cia não começou sob auspícios dos mais promissores. As notícias sobre espetáculos só aparecem no jornal no começo de fevereiro, precisamente no dia 9, quando uma pequena nota anuncia para aquela noite uma “*attrahente soirée*”⁴⁴. Para pesar dos sócios, o jornal de 16 de fevereiro trouxe num canto de página a notícia sobre a fortuna do espetáculo do último domingo: “com casa fraca, realizou-se no domingo ultimo mais um espetáculo”⁴⁵ [...]. Contudo, a nota ainda anunciava um outro espetáculo e asseverava: seria de cativar as plateias mais exigentes!

Não sabemos, pelo menos por meio das fontes utilizadas nessa pesquisa, qual foi a sorte do segundo espetáculo do ano, contudo, deve ter sido bem menor do que o que foi anunciado no dia 13 de abril: o “*apreciado poeta e conferencista*” Cornélio Pires⁴⁶, estaria em Santa Bárbara, dentro de alguns dias, para a realizar de uma de suas “*conferencias caipiras*” no prédio do Recreio⁴⁷. Mais uma vez, por meio das fontes que sustentam esse trabalho, não temos ideia se a conferência de Pires se deu ou não naquele ano, pois ao longo do ano, o assunto não é mais notícia no periódico.

Em maio de 1919⁴⁸, a sorte parecia ter voltado para os lados do Recreio, pois uma nota dá conta que “*com boa casa realizaram-se sabbado e domingo passados, duas esplendidas soirés* [...]”, porém, depois de vários tempos sem notícias sobre o cinema, o jornal A Verdade de 3 de agosto de 1919, traz em seu lado inferior direito do rodapé da primeira página a seguinte nota: “*Cine Theatro Recreio Reabriu-se a 27 do p. passado*”⁴⁹, ***depois de ter permanecido fechado***⁵⁰ *por mais de um mez, este [popular] e apreciado cinema local* [...]”. Ao que parece, após a reabertura, os anúncios que filmes voltaram a rarear assim como notícias sobre o cinema, que, como vimos, no ano anterior, 1918, abundou nas páginas de A Verdade. As razões para o fato podem ser diversas, mas não nos é lícito tirar conclusões a respeito do que estava causando aquele aparente desinteresse pelo cinema. Podemos, contudo, especular a partir dos indícios que se apresentam nos jornais, como o que se segue.

Pouco tempo após a “reabertura”, uma nota na edição do dia 23 de agosto do jornal A Verdade nos conta que “*com casa regular realizou-se domingo passado mais um magnifico espetaculo, nesta casa de diversões* [...]”⁵¹ e, ainda mais tarde: “*com casa a cunha, deu no*

⁴³ Idem, 09/06/1918.

⁴⁴ Jornal A Verdade, 09/02/1919.

⁴⁵ Idem, 16/02/1919.

⁴⁶ Sobre Cornélio Pires, ver o sitio <https://www.corneliopires.com.br/cornelio-pires/biografia/> - visitado em 26 de maio de 2020.

⁴⁷ Idem, 13/04/1919.

⁴⁸ Idem, 18/05/1919.

⁴⁹ ie: próximo passado.

⁵⁰ Jornal A Verdade, 03/08/1919, grifos nossos.

⁵¹ Jornal A Verdade, 23/08/1919.

domingo mais um espectáculo nesta casa de diversões [...] ⁵², fechando-se do ano dessa forma conturbada e não regular como se verifica nos outros anos. Os anúncios rarearem pode ser indício de duas coisas: ou o cinema já estava bastante conhecido e os programas do espectáculo eram distribuídos nas ruas ou de outras formas, sendo desnecessária a publicidade frequente no jornal, e/ou sendo a publicidade não gratuita, os proprietários podem ter entendido que não valia a pena por não ter grande influência na “enchente do teatro” ou a falta dela causar a “casa fraca” e terem simplesmente optado por anunciar menos. Na entrada dos anos 1920, já nos primeiros dias de janeiro, encontrada anunciado o “film em serie Cavalleiro Phantasma ⁵³”, que seria exibido no Recreio naquele mês. Depois de anunciar em 25 de abril do mesmo ano que, “[...] fez passar em sua alva tela [...] ⁵⁴” o “importante film” em 60 partes [O] Vampiro Relampago e assinalar que hoje, 25 de abril, exhibiria o comovente drama em “12 longas parts Miquinha [...] ⁵⁵”, o cinema Recreio desaparece dos jornais, não existindo, ao menos não nas fontes que consultamos para realizar o presente trabalho, menções ou notícias sobre o que seu deu com aquela casa.

Entendemos, portanto, que fecha-se assim a primeira fase do cinema em Santa Barbara. Existem, no entanto, especulações sem bases em fontes ou dados em que se possam sustentar, que apontam ter existido cinema em Santa Bárbara em outras condições ou em outra cronologia que não a citada nessa pesquisa. Assinalamos que o presente trabalho não desautoriza esses diversos entendimentos, mas é apenas um outro olhar para as fontes que se apresentaram como férteis para esclarecer os começos do cinema na cidade.

Assim, partindo da experiência com as sessões espetaculares do cinematógrafo operado por Antonio Felipe de Castro, e anos após elas, a aparição do cine Recreio e suas diversas etapas, constitui-se, a nosso ver, a primeira fase do cinema em Santa Bárbara.

⁵² Idem, 23/11/1919.

⁵³ Idem, 11/01/1920.

⁵⁴ Idem, 24/04/1920.

⁵⁵ Idem, ibdem.